

\*

Confrange-se o espírito diante do escuro descalabro desta ermida.

Há ruínas que choram e esta é uma dessas. Não sobreveio da decrepitude da construção, como outras, que quasi nos sorriem de baixo das heras antigas que as amparam. São venerandas tais ruínas e nada falta para ser sacrilégio o tocar-lhes, na intenção que seja de as remoçar.

Mas as ruínas de maldade, as ruínas dos nossos dias, feitas de pedras que foram sacudidas e derribadas por mãos, que ainda estão por assim dizer quentes, essas comovem-nos de dor e revoltam-nos, se temos são o coração. Pertencem a esta classe as ruínas de S. Romão!

Que todos aqueles a quem me dirijo, enxuguem os prantos, que parecem deslizar pelas paredes esboroadas dêsse tradicional sacelo, e terão dado um profundo consólo à Crença e à Arte, reedificando-o. Verão a paisagem monótona, que o rodeia, iluminar-se com a brancura fresca de umas paredes ressurgidas e singelamente dealbadas, como devem ser as desta ermida de ar tam meridional, e surtirem dos lugares próximos centenas de mãos, erguendo-se ao ar em gestos de aplauso.

F. ALVES PEREIRA.

### Bibliografia

*Sertorius*, por Adolfo Schulten, Leipzig 1926.

Volta novamente à discussão o célebre caudilho, italiano de nascimento, que, meio século após a morte de Viriato, de novo conduziu os lusitanos à vitória sobre os exércitos de Roma. Estudando sua vida, através de exaustiva investigação, publicou-se, na Alemanha, uma obra de notável mérito científico. Seu autor, Adolf Schulten, de há muito se ocupa, em clássicos trabalhos de erudição, acerca dos primeiros tempos históricos da Península Ibérica. Em rápida síntese, vamos procurar resumir sua narrativa, na parte mais interessante para o conhecimento da história militar dos Lusitanos.

\*

Saltando sobre dois mil anos, imaginemo-nos no primeiro quartel do século I antes da era cristã. Violentas convulsões sociais abalam os alicerces da República Romana, já, neste momento, senhora de quasi

toda a bacia do Mediterrâneo. Digladiam-se democráticos e conservadores na Capital, e a guerra civil, alastrando, devasta grande parte da Itália. Irrompe a selvajaria primeva nas multidões desvairadas em seu ódio insensato, e a Razão de Estado mascara crimes de energúmenos sanguinários. Sulla, conservador; Mário, democrático, ambos generais de prestígio, são os chefes das duas facções opostas nesta luta de extermínio. Oscila, repetidas vezes, a sorte das armas no decorrer do longo duelo sangrento. Sucedem-se, rápidas, as mutações na scena política, e nela intervem Sertório, sobressaindo, por sua visão clara e inteireza moral, entre as principais figuras democráticas. Morre, entretanto, Mário. E, no meio da confusão e intrigas posteriores, os governantes, a quem Sertório faz sombra, procuram desembaraçar-se de sua presença, incumbindo-o de os representar na Espanha Citerior, uma das províncias ou sub-divisões da Península, sob o domínio de Roma.

Chega Sertório à Espanha no princípio de 82, a. C. Desenvolve, desde logo, activo talento de organizador. Em breve dispõe de frota e exército, constituído este por iberos e romanos. Surge, porém, agora o triunfo final de Sulla em Roma e, com elle, o aniquilamento do partido democrático. Daí resulta, para Sertório, o ir encontrar-se em guerra aberta com o governo central. Pretendendo reduzi-lo à obediência, envia Sulla, de Roma, contra elle uma forte expedição, 20:000 homens, no ano seguinte, 81 a. C. Desprovido de forças suficientes para resistir, reúne Sertório os restos de seu exército, cêrca de 3:000 homens, e embarca em Cartagena para a Mauritânia, tentando firmar nova resistência no território rifenho. Repellido, porém, pelos naturais, dirige-se para as Baleares, onde procura estabelecer *sua base de operações*. Acossado, ao largo de Valência, por uma esquadra de Sulla, é vencido em combate naval. Renuncia a seu projecto e, invertendo o rumo, faz-se de vela para oeste; entra o estreito de Gibraltar e vai ganhar a costa atlântica da Espanha, em frente de Tanger. Consegue aí desembarcar, mas sob a pressão de crescentes e múltiplas contrariedades, assaltado pelo desespero, chega a pensar em desistir da continuação da luta. Parece, nesse momento, ter tido intenções de se refugiar na Madeira, segundo Schulten, já conhecida dos navegantes fenícios e turdetanos, desde mil anos atrás. Não obtendo, porém, navios, Sertório mais uma vez é forçado a modificar seus planos. Ressurge nele o instinto combativo. Decide então passar novamente a Marrocos, tentando estabelecer-se em Tanger, onde poderá aguardar oportunidade da *contra-offensiva*. Mais feliz desta vez, tudo se realiza como previra.

Vai procurá-lo àquela cidade uma embaixada lusitana, convidando-o a assumir a direcção de nova revolta contra Roma. Começa agora a fase mais impressionante da carreira de Sertório, prolongado drama onde seu vulto realça, com extraordinário vigor, no duplo aspecto do Político e do General.

Parte Sertório de Tanger, nesse ano de 80 a. C., com pouco mais de 3:000 homens, entre os quais se contam alguns centos de berberes. Espera-o, próximo de Gibraltar, protegendo o desembarque, um destacamento lusitano de 5:000 homens. Feita sua junção com este, marcha Sertório para a Lusitânia, tomando provavelmente a direcção de Évora, capital da região transtagana. De passagem, derrota, junto a Sevilha, o governador romano da Bética, actual Andaluzia. Ganha Sertório, uma vez em território lusitano, dia a dia maior autoridade sobre seus naturais. Prevendo a próxima ofensiva de Roma, prepara-se para lhe resistir. De facto, o perigo manifesta-se, ameaçador, no ano imediato, 79 a. C., em que Sulla envia o *proconsul* Metelo à Península, com um forte exército, para abafar, a tempo oportuno, o nascente fogo da insurreição. Regulam as forças romanas por 50:000 homens, e, segundo Schulten, o chefe dos lusitanos apenas dispõe de 8:000. Avançam as tropas romanas em duas colunas, seguindo *linhas de operações convergentes*, a fim de realizar o *envolvimento estratégico* de Sertório. Pára este o golpe, manobrando *contra-ofensivamente*, por *linhas interiores*. Volta-se com mobilidade extraordinária, ora contra uma, ora contra outra das colunas inimigas, e cai sobre suas *linhas de comunicações*, batendo, separadamente, os destacamentos isolados que encontra. Demasiado fraco para aceitar uma *batalha campal, decisiva*, procura, por activas operações de *pequena guerra*, ir pouco a pouco extenuando o adversário e incutindo-lhe o desânimo. Em vão, Metelo tenta atraí-lo à batalha em *campo aberto*, invadindo, nesse mesmo ano de 78, a Lusitânia transtagana, marchando sobre Évora e Lisboa. Sertório, sem tropas suficientemente numerosas e consistentes para oferecer batalha, permanece fiel à sua *estrategia de desgaste*.

Passa assim o ano de 78; chega o de 77 e, tendo Metelo já recolhido à Andaluzia, vai Sertório, por seu turno, passar à *ofensiva estratégica* além do Guadiana.

Deixando Hirtuleio, seu lugar-tenente, no Alentejo, cobrindo Évora, transporta, ofensivamente, Sertório, à imitação de Viriato, o teatro da guerra para a Celtibéria, região para lá de Madrid, entre as nascentes do Tejo e o curso do Ebro. Data de então sua tentativa de organizar na Península um Estado constituído à imagem de Roma.

Faz de Osca, hoje a Huesca aragonesa, nas faldas dos Pireneus, a capital da República Ibérica, com elle por ditador. Obedece-lhe quasi toda a Península, com excepção apenas de certas regiões excêntricas, Galiza, Astúrias e Vascongadas, mais ou menos independentes, e da Andaluzia, fiel ao governo de Roma. Em pleno apogeu, nesse momento, porventura, lhe passa pelo espirito a idea da marcha sobre Roma, a fim de derribar o governo central e modificar a Constituição, antecipando-se de algumas dezenas de anos a Cesar, em sua famosa passagem do Rubicon.

Debalde lhe terá sorrído tão enganadora miragem. Sua espada fulgurante vai, em poucos anos, abater-se, quebrada pela adversidade. Virá a vitória ainda bafejá-lo nalgumas campanhas mais; novos nomes de batalhas se juntarão aos de seus antigos successos. Tudo será inútil, ora por falta de coesão de suas tropas; ora por imperícia de seus generais; ora, ainda, por inferioridade numérica. A custo conseguirá aguentar-se na defensiva, e jamais se encontrará em situação de, transpondo os Pireneus, iniciar a marcha sobre Roma.

\*

Envia Roma um novo exército, 30:000 homens, à Península. Comanda-o Pompeio o Grande, general de trinta anos, de sorte, aliás, superior aos próprios méritos. Entra Pompeio em acção na primavera de 76 a. C., procurando ligar suas operações com Metelo, chefe das tropas amigas da Andaluzia. Sertório, numa *posição central*, tem organizado seu *dispositivo estratégico* quer para acudir ao Ebro quer ao Guadalquivir, conforme as circunstâncias. É Sertório vencedor contra Pompeio, nas planícies de Valência, mas seu subordinado, Hirtuleio, sofre uma derrota na Andaluzia. Equilibram-se, sensivelmente, as forças de Sertório com as de seus contendores. Nenhum dos dois partidos consegue obter a decisão, e, assim, as *operações* vão-se arrastando, com várias alternativas, neste ano e nos immediatos. Continua a Espanha oriental a ser o teatro da guerra. Abandonando, porém, a pouco e pouco, Sertório, passa a fortuna, cada vez mais, a favorecer seus adversários. Vem o ano de 73 a. C., e Sertório, em pleno declínio, não consegue sustentar a derrocada. Manifestam descontentamento profundo seus officiaes superiores, como elle, romanos foragidos. Dão indícios de cansaço os soldados ibéricos, fazendo, contudo, excepção os contingentes da Lusitânia, seus primeiros e últimos partidários. E à medida que sua estrêla guerreira desce, tendendo para o ocaso, vão as dedicações mingando e, em sentido inverso, crescendo as deserções, as más vontades e as intrigas. Por último,

em fatal remate, apresta-se a traição, epílogo costumado da desventura.

\*

Entra o ano de 72 a. C. e Perpenna, um dos generais de Sertório, arvora-se em cabecilha da conjuração. Convida Sertório para lauto banquete, em sua casa. Assistem ao festim outros chefes aliciados. A certa altura, um deles, M. António, aproxima-se disfarçadamente de Sertório e atira-lhe uma estocada. Secundam-no seus companheiros, e consuma-se o assassínio. Acaba assim, vítima de miserável atentado, um dos vultos maiores da Antiguidade Clássica, como vinte e oito anos mais tarde há-de suceder a César, vencedor de imortais campanhas. Morto Sertório, esfacela-se a resistência ibérica. Perpenna, abandonado pela maior parte do exército, é batido, feito prisioneiro e degolado por Pompeio, vingando seu próprio rival. Termina a guerra luso-celtibérica e corre o pano sôbre o último acto da tragédia ingente que, por uma çentena de anos, se desenrolara na Península, em sua luta heroica contra a dominação romana.

A. BOTELHO DA COSTA VEIGA.

---

### Necrologia

#### Bernardo Rodrigues do Amaral

Eis aqui um nome que os arqueólogos não conhecem, mas que foi usado por um honrado cidadão que ao Museu Etnologico prestou grandes serviços. De alguns d'elles se deu noticia nesta revista, I, 218-219, IX, 303 nota, XVIII, 164, XIX, 370.

O S.<sup>or</sup> Bernardo Rodrigues do Amaral nasceu em 3 de Março de 1839, no lugar do Outeiro de Espinho, concelho de Mangualde. Os vizinhos e amigos conheciam-no simplesmente pelo nome de *Morgado do Outeiro*, título que lhe viera dos seus antepassados. O que não sei, é se o título tinha cunho official, ou não passava apenas de affectuosa designação popular, pois muitas vezes nas aldeias costumam chamar *morgado* a um filho unico. O mesmo aconteceu quanto ao sexo feminino.

Dotado de indole bondosa e franca, nenhum necessitado se lhe aproximava com uma súplica, que não voltasse servido. Por isso todos lhe queriam muito.